

Arte e Educação do Campo: as linguagens artísticas e a formação humana

Saulo Albuquerque ¹

RESUMO

Pensar em alternativas para instigar novas práticas educativas no contexto historicamente desvalorizado da educação do campo é muito importante para garantir o direito a uma educação de qualidade para jovens e adultos que no campo constroem por meio de seu trabalho sua identidade e sua humanidade. Compreendemos que um movimento que contribuiu muito para inspirar novas práticas educativas foi o Movimento de Cultura Popular que por sua vez inventou uma nova forma de pensar a educação popular, não mais somente na perspectiva de garantir o acesso, mas principalmente evidenciando sua importância política de construção de uma sociedade verdadeiramente democrática no Brasil em fins dos anos 1950 e início da década de 1960. Daremos ênfase aqui nas linguagens artísticas e suas potencialidades formativas, na sua dimensão política, estética e ética procurando evidenciar suas contribuições para as práticas educativas realizadas em escolas do campo, ou seja, localizadas nas zonas rurais e que atendem os estudantes destas localidades específicas. O trabalho aqui apresentado é parte de algumas reflexões suscitadas durante o percurso que ainda se encontra em andamento junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. A abordagem metodológica se fundamentou na Pesquisa-ação crítica (FRANCO, 2005) e foi realizada a partir de quatro Círculos de Cultura com educadoras, educadores, gestores e técnicos de uma escola do Campo localizada no município de Pedro II-PI. Os resultados construídos coletivamente e problematizados nos Círculos de Cultura evidenciaram as potencialidades das linguagens artísticas e da Cultura Popular para a formação crítica e humana dos educandos e dos educadores e educadoras da escola onde a pesquisa foi realizada.

Palavras-chave: Educação do campo, Movimento de Cultura Popular, Arte, Formação humana.

INTRODUÇÃO

A negação ao direito a uma educação de qualidade no campo, apesar de tantas lutas e dos importantes avanços alcançados no âmbito das políticas públicas pela organização e mobilização dos diversos movimentos sociais do campo, ainda é um fato presente em inúmeros lugares de nosso país.

Historicamente o campo tem sido palco de inúmeros conflitos, a concentração fundiária e o avanço do capital sobre estes territórios tem sido extremamente violenta e desumana, deixando destruição por onde passa.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí - PI, sauloalbuquerque@ufpi.edu.br

A negação do direito à educação às classes populares, fez emergir nas décadas de 1950 e 1960, principalmente no nordeste brasileiro, o Movimento de Cultura e Educação Popular, que tinha como objetivo central promover a alfabetização política dos sujeitos do campo e da cidade por meio da democratização, ampliação e valorização da cultura e da cultura popular.

A perspectiva da educação popular não é preparar os jovens para o mercado de trabalho, mas contribuir na construção de um novo projeto popular e democrático de sociedade a partir da educação. Uma educação como ação cultural para a liberdade, associada à construção de uma consciência política crítica sobre a realidade nacional. Esperava-se assim criar as condições necessárias para a transformação social e cultural da sociedade brasileira na busca pela emancipação humana. (Brandão; Fagundes, 2016).

Nesta perspectiva, a Educação Popular e a Educação do Campo possuem princípios teóricos e metodológicos comuns, pois buscam implementar processos educativos nos quais os sujeitos exerçam o papel de protagonistas da ação pedagógica, visando, por meio da crítica, o desenvolvimento de ações voltadas à conscientização e participação política.

Fruto deste movimento de lutas por direitos, a Educação do Campo é a expressão concreta da organização e mobilização política dos diversos Movimentos Sociais. Neste movimento problematizam e sistematizam experiências educativas e elaboram seu próprio projeto de escola e de educação. Projeto que defende uma educação que seja espaço de formação política, de valorização do campo, de sua diversidade cultural, de desvelamento das contradições sociais e históricas, de diálogo entre as diferentes formas de conhecimento, da busca pela aproximação entre a prática e a teoria e que tenha como objetivo a transformação social, a luta por uma sociedade mais justa, solidária.

Este texto é um recorte de uma pesquisa-ação realizada junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí onde tenho problematizado as potencializadas da cultura popular e suas linguagens artísticas na elaboração de práticas educativas críticas, no contexto das escolas do campo.

A pesquisa-ação foi realizada a partir de quatro Círculos de Cultura onde problematizamos coletivamente o conceito de Cultura Popular elaborado pelos próprios educadores e educadoras. Mapeamos as atividades que na perspectiva dos educadores dialogam com a Cultura Popular. Identificamos quais as linguagens artísticas utilizadas

nas práticas educativas da escola têm contribuído de forma mais significativa para uma formação crítica e humana. Por fim construímos coletivamente um projeto que tem como objetivo ampliar e fortalecer as práticas educativas que dialogam com as linguagens artísticas da cultura popular do campo.

Acredito que quanto mais pudermos compreender a importância de sabermos mobilizar essas diversas linguagens artísticas, como a música, a dança, as artes visuais, o teatro no contexto das práticas educativas das escolas do campo mais rica e significativa serão essas práticas, pois estas linguagens possibilitam que o conhecimento seja construído pela razão sem excluir a emoção.

Nosso objetivo geral é problematizar as potencialidades das linguagens artísticas da cultura popular na elaboração de práticas educativas críticas no contexto de uma escola do campo.

Neste movimento da pesquisa, no diálogo com os educadores e educadoras pudemos reafirmar nossa tese de que as linguagens artísticas da cultura popular contribuem significativamente para a elaboração de práticas educativas críticas no contexto das escolas do campo haja visto que ao construir o conhecimento científico por meio de linguagens artísticas os educandos(as) e educadores(as) articulam razão e emoção tornando o conhecimento produzido algo muito mais significativo.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida na Ecoescola Thomas A Kempis, cujo lema é “sem ecologia não há cidadania”, localizada na área rural do município de Pedro II, numa área de 19 hectares. A Ecoescola foi fundada em 2001, pelo Centro de Formação Mandacaru de Pedro II², sendo a primeira escola do município de Pedro II a ofertar uma jornada escolar de tempo integral, funcionando das 7:10 às 17horas.

Esta instituição de educação fortalece a proposta de uma educação contextualizada, voltada para convivência com o semiárido, fazendo parte, inclusive da RESAB (Rede de Educação do Semiárido Brasileiro), que procura contribuir com as famílias agricultoras do semiárido brasileiro, desenvolvendo atividades ligadas ao cultivo da terra e a criação de animais, envolvendo os estudantes em atividades teóricas e práticas acerca da agroecologia que contribuem para uma formação mais crítica. Atende

² O Centro de Formação Mandacaru é uma organização não governamental, de caráter filantrópica, constituída em 30 de novembro de 1991, tem sua sede na cidade de Pedro II - Piauí.

estudantes prioritariamente do campo; ofertando as modalidades do fundamental dois e ensino médio em tempo integral. (PPP 2021-2025)

O Centro de Formação Mandacaru é parte da gestão e organização da escola, promove eventos de formação, tanto para educadores, como para a comunidade e fortalece uma proposta de educação popular comprometida com a melhora da qualidade de vida da população do campo e do semiárido brasileiro, realizando atividades ligadas a cultura e a arte em oficinas de capoeira, de teatro, de artesanato, pintura entre outras, fortalece a proposta de educação popular.

O fato de desenvolver várias atividades ligadas a vida e a cultura do sujeito do campo motivou esta pesquisa-ação crítica a investigar este contexto e compreender como essas práticas são construídas e quais as suas potencialidades.

A Ecoescola reafirma o compromisso com uma educação atenta ao processo de desconstrução de um modelo de educação excludente, capitalista, que ignora a realidade dos sujeitos nela envolvidos, especialmente a realidade do semiárido nordestino. Em contraposição a esse modelo de educação bancária, propõem uma educação crítica baseada no diálogo, em que o educador-educando e o educando-educador sejam entendidos como seres em busca de ser mais. (Ecoescola Thomas a Kempis, 2020)

O processo de investigação foi realizado com base na metodologia da pesquisa-ação crítica (Franco, 2005), a partir dos eventos de formação-investigação denominados de Círculos de Cultura, dispositivos utilizados para a ação, problematização, reflexão e construção coletiva dos dados da pesquisa empírica. Os Círculos foram momentos de trocas de experiências, reflexões e proposições acerca das práticas educativas no contexto da Educação do Campo e que intencionam estimular a construção coletiva de projetos educativos inovadores no contexto da Ecoescola, que dialoguem com os aspectos da Cultura Popular, buscando identificar as contribuições e os lugares de intersecção nestas práticas.

Desse modo, foram desenvolvidos quatro Círculos de Cultura³ voltados à produção coletiva de conhecimentos que favoreçam à reelaboração das práticas

³. Cada círculo de cultura foi realizado procurando alinhar as problematizações e reflexões a partir do objetivo geral e dos objetivos específicos de nossa pesquisa. Tendo como referência as experiências de Educação Popular, a partir dos Círculos de Cultura, desenvolvidas por Paulo Freire durante as décadas de 1950 e 1960 e que atualmente são referências para as práticas

educativas das escolas do campo, utilizando-se das potencialidades da Cultura Popular. O trabalho de reflexão crítica e produção coletiva do conhecimento, desenvolvido no âmbito dos Círculos de Cultura, foi gravado, por meio de sistema de áudio. A transcrição, sistematização e análise do conteúdo foi realizada a partir de Laurence Bardin (2001) e com base nos objetivos e na fundamentação teórica que orientam o desenvolvimento da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O campo e os camponeses têm sido associados ao atraso e a ignorância e de forma recorrente tem suas práticas sociais e culturais ignoradas e/ou silenciadas. Os processos educativos implementados nas escolas do campo, concebidos a partir de uma ideologia elitista e urbana reproduzem um conjunto de preconceitos quanto aos povos do campo, seus saberes e experiências sociais o que dificulta uma ampliação da consciência sobre as riquezas do campo.

Este processo de negação da cultura camponesa, seus valores, formas de produzir, formas de se comportar, de existir acaba criando um estigma social, fazendo com que este espaço seja compreendido somente como espaço de escassez, de atraso e de ignorância, o que impulsiona a saída dos mais jovens do campo. De outro lado, a concentração da terra e os amplos investimentos no Agronegócio ampliam as desigualdades, a exploração dos trabalhadores(as) e a destruição da natureza o que muitas vezes obriga a saída dos que vivem no campo.

Neste contexto de descaso surge no final dos anos 1950 e início dos anos de 1960 o Movimento de Cultura Popular, este movimento e seus atores estavam preocupados em compreender como os trabalhadores e trabalhadoras constroem seus conhecimentos, se organizam na luta por seus direitos, de que maneira compreendem o mundo, quais valores cultivam e de que forma expressam estes conhecimentos, valores e sentimentos por meio de suas lutas.

O objetivo principal da educação no âmbito deste movimento de cultura e educação popular era o de problematizar e sistematizar o conhecimento e a cultura do

educativas da Educação do Campo optamos por valorizar o diálogo e a construção coletiva do conhecimento acerca das potencialidades da cultura popular nas práticas educativas do campo a partir dos círculos de cultura.

povo, como também proporcionar acesso à cultura produzida historicamente pela humanidade, contribuindo na construção de uma nova cultura, uma cultura do diálogo, da participação, do questionamento, da solidariedade, da sustentabilidade. (Wanderley, 1984).

No âmbito do Movimento de Cultura e Educação Popular, educar é muito mais que apenas transmitir conteúdos: educar significa transformar a si mesmo e o mundo à sua volta, nesse sentido pressupõe uma organização da luta por direitos, e pela construção de uma vida mais digna. A educação é compreendida como um ato político de enfrentamento das contradições sociais e da construção de um projeto de sociedade oposto ao projeto capitalista, um projeto sustentável, solidário e democrático.

A educação por meio da cultura popular não ocorre de maneira espontânea, é resultado da luta e do compromisso de intelectuais, educadores e sujeitos dos movimentos sociais que buscam no diálogo com os diferentes conhecimentos, nas reflexões sobre as ações realizadas nas lutas por seus direitos construir formas de se expressar, de problematizar a realidade e de pensar sobre possibilidades de ação e transformação. (Wanderley, 1984).

Freire (2018) destaca que a educação é um processo contínuo tendo em vista o fato de o ser humano ser inacabado, inconcluso e de saber-se inacabado, o que o coloca na condição de sujeito no mundo e com o mundo, capaz portanto de transformar-se e de transformar o mundo a sua volta por meio da cultura e dessa forma aprender e transmitir este conhecimento que ao longo do tempo se incorpora à sua natureza não apenas saber que vivia mas a consciência de que sabia e dessa maneira saber que poderia saber mais, nessa dimensão a educação é uma processo permanente.

As práticas educativas no contexto destes movimentos objetivavam, por meio da educação libertadora e humanizadora, ampliar os níveis de consciência crítica dos trabalhadores, buscando a desnaturalização da realidade e reafirmando o compromisso político da educação e o papel de protagonismo dos diferentes sujeitos na transformação social.

Em virtude disso, a Educação Popular foi fonte de inspiração para a retomada das lutas dos movimentos sociais durante o período de redemocratização da sociedade brasileira na década de 1980 e para a emergência da Educação do Campo no final da década de 1990.

Estas experiências realizadas junto aos movimentos sociais trouxeram contribuições muito importantes para o debate sobre a educação nas áreas rurais. Ao evidenciarem o caráter político da educação, ao colocarem a cultura popular no centro do processo pedagógico, como condição fundamental para a problematização sobre os condicionantes históricos e sociais que reverberam no campo, contribuíram no processo de conscientização política na luta pela ampliação de direitos.

Com a ampliação e fortalecimento dos movimentos sociais, na década de 1980 após um período de forte repressão política em nosso país, durante a Ditadura Militar, nas décadas de 1960 e 1970, os trabalhadores do campo iniciam este processo de organização, mobilização e sistematização em nível nacional, se articulando na defesa deste projeto popular de sociedade, da luta pela reforma agrária e de seu projeto de educação que se coloca em oposição a perspectiva de educação rural ainda hoje presente em muitas escolas do campo.

O processo educativo do campo se dá por meio da construção coletiva com o objetivo de conhecer e transformar a realidade no sentido de construir uma sociedade mais igualitária, uma relação mais sustentável com o mundo e com a natureza. Desse modo, o diálogo entre os diferentes sujeitos e entre as diferentes formas de conhecimento possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas emancipatórias no contexto do campo.

Para que se possa compreender o significado mais amplo deste movimento pedagógico denominado de Educação do Campo, sua importância, política e teórica, é preciso analisá-la em sua historicidade, ou seja, neste campo de tensões e contradições da realidade concreta, das lutas pela vida real em uma sociedade marcada pela desigualdade e violência no campo como a nossa. (Caldart, 2009).

A Educação do Campo age a partir do reconhecimento e valorização de uma particularidade, um contexto específico onde se realiza a ação pedagógica, porém não perde de vista a dimensão da universalidade, ao contrário reivindica sua inclusão nela. Nestes movimentos inicia-se a sua radicalidade pedagógica ao estabelecerem relações no terreno acidentado das políticas públicas e da estrutura do Estado e suas lógicas que busca criticar e combater pois, luta por uma escola que tenha uma concepção de educação que não fique apenas centrada na escola, mas que se relacione de forma orgânica com a cultura, com o trabalho e com a vida social.

Este projeto educativo luta pelo acesso dos trabalhadores(as) ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade, mas também, faz a crítica a maneira como este modelo dominante hierarquiza a produção do conhecimento, excluindo outras formas de conhecer, outras epistemologias, uma hierarquização que é própria de uma sociedade que deslegitima os sujeitos do campo como produtores de conhecimentos e de formas de produzir alternativas ao modelo dominante que é também epistemológico, cultural, e que se impõem pelo capital por meio de sua invasão cultural.

A origem da Educação do Campo se faz na crítica ao modelo de educação brasileiro e, sobretudo, à realidade da educação das classes trabalhadoras do campo que historicamente sempre foram excluídas a este direito fundamental, educação de qualidade. Estes movimentos sociais do campo reivindicam outras formas de produzir, de estabelecer relações com o trabalho e que estão intimamente relacionadas a outros projetos sociais e culturais de campo que se contrapõe sobretudo aos projetos da sociedade capitalista e sua lógica de exploração devastadora.

A crítica realizada pela Educação do Campo a um modelo de educação descontextualizada com os anseios do campo, que desconsidera as diversidades presentes nestes territórios, que reproduz um modelo urbano de escola e de educação é uma crítica concreta, que se expressa nas lutas sociais, nas marchas pelo direito à educação de qualidade, na defesa de uma educação verdadeiramente transformadora tanto dos sujeitos que dela participam como protagonistas bem como do contexto social, político e econômico em que se realiza.

As experiências nas áreas de reforma agrária foram fundamentais para a constituição histórica da Educação do Campo em nosso país. Esta proposta político-pedagógica não é apenas uma crítica no sentido de denúncia, mas surge antes de práticas antagônicas ao modelo capitalista de produção e de relações de trabalho, se constitui na construção de alternativas, de políticas e, como “crítica projetiva de transformações”. (Caldart, 2009, p.40)

As expressões da cultura popular contribuem ao estimular a criatividade, a sensibilidade e conseqüentemente um sentimento de pertencimento e responsabilidade diante do mundo e das relações sociais. Lima (2018) afirma sobre esta questão que os projetos educativos realizados nos diversificados contextos do campo devem dialogar com a cultura camponesa, pois é fundamental compreender os elementos simbólicos que

dão sentido e significado a vida destes sujeitos para compreender a maneira como estes reelaboram estratégias de ação e de relação com o mundo. A aproximação e o diálogo com a cultura camponesa são fundamentais para uma educação que pretenda mudar a realidade social do campo.

Nesta perspectiva, as práticas educativas realizadas nas escolas do campo devem estabelecer um diálogo constante com os elementos simbólicos e materiais que fazem parte da Cultura Popular, procurando compreender o modo como os sujeitos pensam e se relacionam entre si e com o mundo. Somente numa relação dialógica será possível a construção de uma verdadeira Educação do Campo.

A articulação entre educação e Cultura possibilita aos jovens desenvolverem a capacidade de problematizar os valores, as crenças, as formas de organização política e as próprias relações sociais que se estabelecem no campo. Essa articulação contribui para que os sujeitos sejam capazes de reelaborar ações que incentivem e promovam a transformação social, que estejam comprometidas eticamente e politicamente com princípios da justiça, da solidariedade e do desenvolvimento sustentável. (Lima, 2018)

No diálogo com a Cultura Popular, as práticas educativas podem ampliar sua capacidade de problematização e reflexão crítica da realidade, desvelando os condicionantes e determinantes históricos que reproduzem as relações e interações sociais marcadas pelas desigualdades sociais e econômicas e que se são muito mais intensas no campo.

Desta forma, este trabalho visa contribuir com o debate na medida em que problematiza as potencialidades das linguagens artísticas na elaboração de práticas educativas mais críticas, que possibilitem uma ação mais consciente e uma organização política necessária na luta pelo direito à educação no contexto do campo.

Nosso objetivo de forma mais geral é trazer alguns elementos apontados pela pesquisa de campo que nos ajudem a compreender *as possíveis contribuições políticas e pedagógicas das linguagens artísticas como o teatro e a música na construção de práticas educativas que problematizem e favoreçam a ação crítica sobre a realidade do campo.*

A arte assumiu diferentes funções e se expressou através de uma diversidade de linguagens e procedimentos técnicos, resultante das transformações sociais, políticas,

tecnológicas e culturais que ocorrem na sociedade. É fundamental que cada vez mais o homem possa dialogar com o mundo à sua volta e demonstrar seus anseios, ideias, emoções e conhecimentos. Araújo (2016)

Segundo Araújo (2016), “a educação por meio da arte não é apenas conhecer a vida, obra e procedimentos técnicos utilizados pelo artista, mas também compreender e construir conhecimento através da contextualização, da leitura e do fazer artístico” (p.149) A relação da arte no contexto da educação é uma relação epistemológica pois como afirma Ana Mãe Barbosa uma das mais influentes teóricas da arte/educação no Brasil, pois trata da produção do conhecimento a partir de qualquer linguagem artística.

Quando iniciei a carreira como docente, em 2009, na rede estadual de São Paulo, me deparei com uma realidade dura nas escolas, salas lotadas e a necessidade de instigar e estimular os estudantes a pensarem criticamente sobre o mundo. Diante deste contexto, passei a utilizar diversas expressões da Cultura Popular, em especial a música popular e o cinema, em minhas aulas de Sociologia. É incrível como uma música ou um filme podem transformar a sala de aula, os estudantes e até mesmo a própria escola.

Ao trazer uma linguagem mais dinâmica, mais próxima dos estudantes sobre uma problemática da Sociologia, como a violência ou as desigualdades sociais da sociedade capitalista, era possível perceber um maior interesse e uma vontade de participar; ao me aproximar dos estudantes e de sua realidade, por meio da música, de imagens e filmes, eles mudavam seu comportamento, se motivavam a buscar o conhecimento e, mais do que isso, se arriscavam a questionar e problematizar sua realidade, muitas vezes dialogando com pensadores clássicos das Ciências Sociais como Marx e Durkheim.

As linguagens artísticas foram amplamente utilizadas pelo movimento de cultura popular da década de 1960. O teatro do oprimido de Augusto Boal trouxe contribuições significativas para pensar a formação e a conscientização de jovens e adultos especialmente nos contextos mais vulnerabilizados deste país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos diálogos realizados nos Círculos de Cultura pudemos constatar que as linguagens que foram consideradas mais significativas para os educadores e educadoras da Ecoescola foram: o teatro e a música.

Para os educadores e educadoras o teatro contribui significativamente para envolver os alunos que tinham muita dificuldade de se relacionar com os amigos e aqueles que tem uma autoestima muito baixa.

Nos relatos fica evidente as contribuições dessas linguagens na formação crítica e humana dos educandos como na fala abaixo,

as principais linguagens utilizadas na prática pedagógica da ecoescola são: o teatro, a música, a dança e a pintura desta destacamos o teatro porque através da linguagem teatral desenvolve-se o senso crítico, desenvolve habilidade e preparo para a execução de práticas em salas de aula é no caso seminários, né? E a leitura também em si colabora na autoestima na expressividade no posicionamento, autoconfiança que na verdade foi uma das coisas que a gente mais debateu que a gente colocou porque todas as atividades, né? Na verdade, não teria sentido nenhum se não tivesse exatamente esse desenvolvimento e buscar esse desenvolvimento, esse crescimento como aluno. Então o teatro, é, entramos em consenso que o teatro possibilita tudo isso, né? Desde momento que você entra no grupo de teatro. Você já vai ter que fazer leituras para você tá conhecendo textos sobre o que você vai no que é que você vai é trabalhar vai dramatizar, né? E essa possibilidade tá incluindo aqueles alunos que são né? Ficam lá no fundo da sala, muitas vezes eles se encontram nessas atividades, nessas atividades, né? Como foi citado alguns exemplos, lá, então o teatro possibilita esse desenvolvimento todas essas áreas, né? Na verdade, então ali inclusive estava ali olhando ali inclusive vendo ali quase parecidos com a expressão né, é continuando é o teatro dá voz ao jovem e eu faz ocupar um lugar de destaque. Além de tudo isso possibilita o trabalho com qualquer temática também uma coisa muito importante, né? E desde o momento que o menino se encontra, ver essa possibilidade de ele tá se desenvolvendo, principalmente nessa questão da autoestima também como a gente colocou, né, possibilita que ele veja participando de tarefas independentemente de qual seja a disciplina ou habilidade que ele precisa tá desenvolvendo, né? Então é uma forma. Também dele está crescendo. (EDUCADORES)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível compreender que as linguagens artísticas da cultura popular contribuem de forma significativa para a elaboração de práticas educativas críticas, e inovadoras na formação dos sujeitos do campo.

Tais linguagens possibilitam que o processo educativo seja mais significativo valorizando o trabalho coletivo, respeitando a diversidade etno-cultural resgatando a memória e a história destes sujeitos bem como na valorização de sua cultura e identidade.

A pesquisa de campo demonstrou que os educadores e educadoras compreendem que as linguagens artísticas contribuem para a emancipação e humanização de educandos e educadores.

Apesar de verificar empiricamente as contribuições que as linguagens artísticas da cultura popular tem na formação crítica e humana dos educandos e educadores de

forma mais ampla, ainda são poucas as pesquisas que se ocupam destas questões o que nos motiva ainda mais a continuar procurando contribuir para essa área de estudos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é Cultura Popular?* Ed. Brasiliense, SP. 1981.
- ARAÚJO, Gustavo Cunha de. *EDUCAÇÃO DO CAMPO ARTES E FORMAÇÃO DOCENTE*. EDUFT, 2016.
- ARROYO. M.G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C (Org.). *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOGDAN, R. B., *S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura: memória dos anos sessenta. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 377-407, set./dez. 2017 A educação como cultura. Memórias dos anos sessenta <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000300014>.
- FRANCO, Maria A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra 1996.
- FREIRE, P.; SCHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. 7ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Projeto societário contra-hegemônico e educação do campo; desafios de conteúdo, método e forma. In: Munarin Antônio, Beltrame Sônia, Conte Soraya Franzoni e Peixer Isabel (orgs). *Educação do campo: reflexões e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2011.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Educar para transformar: Educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis, 1984.